

## Filosofar, música e educação – uma introdução ao “*Sobre a Música*” de Josef Pieper

Jean Lauand<sup>1</sup>  
Miwa Hirose<sup>2</sup>

**Resumo:** Nota de conferência conjunta do “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação” (2021). Este estudo apresenta brevemente alguns aspectos fundamentais do pensamento do destacado filósofo alemão Josef Pieper, como subsídios para as conexões estabelecidas entre filosofar e música em seu artigo *Über die Musik*, publicado também nesta edição de *Coepta*.

**Palavras Chave:** Josef Pieper. filosofar. música. antropologia filosófica e música.

**Abstract:** Notes of lecture of the “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação”. The article shows some basic aspects of the thought of the German philosopher Josef Pieper in order to a better understanding of the relationship between philosophical act and music in his article *Über die Musik*, published in this edition of *Coepta*.

**Keywords:** Josef Pieper. philosophical act. music. Philosophical Anthropology and music.

### Introdução

Em todas as edições da série *Coepta* há artigos do notável filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper (1904-1997). Neste volume 7 da série *Coepta*, está publicado também – no original alemão e em tradução ao português – um denso discurso seu: *Über die Musik (Sobre a Música)*, relacionando Música e Filosofar, na abertura de uma sessão musical sobre Bach.

Os autores – encarregados de uma conferência “a quatro mãos” no XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação – apresentam estas notas sobre o quadro geral do pensamento de Pieper – especialmente de *Was heisst Philosophieren?* –, como subsídios para a leitura do *Über die Musik* (abreviaremos por *Musik*) e também (como de praxe nos eventos do Cemoroc) para antecipar o texto aos demais participantes, o que permite um enriquecimento da discussão no dia do Seminário, sobretudo no que se refere à Educação.

### O acesso indireto ao ser do homem

Uma das grandes contribuições de Josef Pieper para a metodologia filosófica foi a de evidenciar que não temos acesso direto ao ser do homem e a de indicar como pode se dar o caminho, indireto, para as realidades humanas.

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

<sup>2</sup>. Tem mestrado pelo *San Francisco Conservatory of Music* – California. Fundadora. Diretora do SHP - Studio Hirose Pianoforte - <https://www.studiopianoforte.com/>.

O velho Heráclito, que – *avant la lettre* – deu alguns preciosos princípios de, diríamos hoje, metodologia de pesquisa, dizia que a natureza gosta de se esconder. E especialmente a realidade humana não se deixa apanhar facilmente: está escondida e resiste a se manifestar.

Essas considerações ligam-se a outra de Heráclito, conhecido como “o obscuro”: “O caminho que sobe e o caminho que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença. Como naquela vez – parece piada – em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas...

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Não, poderia alguém objetar, o critério favorece é o time que tiver maior número de vitórias! Mas acontece que... o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates)!

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Como a realidade humana gosta de se esconder, precisamos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido.

Se eu quero saber o que é o sal, eu pego o sal, levo-o a um laboratório e, após alguns procedimentos técnicos de análise, identifico que há tanto de sódio, tanto de cloro, iodo etc. Se eu quero examinar uma mosca, ponho-a no microscópio; se quero saber do planeta Marte, valho-me de um telescópio ou envio uma sonda etc. Já a realidade humana, tantas vezes, não se deixa observar diretamente: como “apanhar” o que é a gratidão, o que é o amor, o que é o homem...? Nesses casos, a pesquisa tem que se valer de caminhos indiretos: buscar onde se manifestam essas realidades. Josef Pieper indica três “sítios” privilegiados para “vasculhar” e resgatar essas realidades escondidas: a linguagem, as instituições e os modos de agir humano.

### **Três caminhos indiretos para a antropologia: o filosofar, o ato poético e a música**

Há atividades do homem que *especialmente* permitem “subir” até o nível mais elevado da antropologia, precisamente porque antes – de modo *especial* – “desceram” e se tornaram atos concretos em nosso cotidiano.

Em seu clássico “*Was heisst Philosophieren*” (“O que é filosofar?” São Paulo: Loyola, 2008), livro que seguiremos de muito perto neste artigo (abreviando por *Philosophieren*), Pieper começa por indicar a proximidade – já apontada por Aristóteles e Tomás de Aquino – entre o filosofar e o ato poético, nesse sentido. Já a própria epígrafe dessa obra é a sentença de Tomás sobre a semelhança entre o filósofo e o poeta: ambos têm seu princípio no *mirandum*, aquilo que convoca a admiração (*Comentário à Metafísica de Aristóteles I, 3*).

Esse princípio na admiração traz consigo uma série de outras características – destaquemos aqui a do mistério – que configuram aquele caráter especial de chave de acesso à realidade humana. Note-se, nesse sentido, que o próprio ato de filosofar (o intrigante ato de filosofar) é tema de especial interesse, desde Platão e Aristóteles, para os grandes filósofos.

Assim como o “ato poético”, o mistério da poesia, é também tema frequente dos grandes poetas, como por exemplo Fernando Pessoa e Caetano:

### Autopsicografia

O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.  
E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.  
E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

### Força estranha

Por isso uma força me leva a cantar  
Por isso essa força estranha  
Por isso é que eu canto não posso parar  
Por isso essa voz tamanha

Em *Philosophieren*, Pieper seguindo Platão, ajunta, ao filosófico e poético (artístico em geral), outros atos capazes de uma transcendência reveladora, de potencial ascensão heraclitiana, os abalos: erótico (evidentemente não no sentido vulgar da palavra), tanático (da experiência da realidade da morte) e do religioso (não no sentido de igrejas, evidentemente). A esses abalos, Pieper em *Musik* inclui nomeadamente o abalo que pode ser produzido pela música: “musicar” (*Musizieren*) não é outra coisa que um secreto filosofar da alma, *exercitium metaphysicae occultum*, no qual a alma nem sabe que está filosofando. E mais:

O que a música sempre traz – e este é o fato mais decisivo – ao campo de visão do filósofo é a sua *proximidade da existência humana*, uma característica específica que torna a música necessariamente objeto essencial para todos os que refletem sobre a educação humana [*Menschenbildung*].

É necessário evitar mal-entendidos em relação às expressões que estamos usando “pode ser produzido pela música”, “atividades do homem” e “atos humanos”. Não se trata, evidentemente, de nenhum automatismo, como se a simples audição de uma peça musical (ou a leitura de um poema etc.) tivessem o condão de arrebatá-nos para as alturas de uma experiência transcendental. Não! Todos aqueles abalos platônicos situam-se em uma região não ativa de nossa vontade, mas, em boa medida, são algo que nos sobrevem: é o que tecnicamente se chama voz média, um misto de ativo e passivo (cf. Jean Lauand “Voz média...”, *Coepa* 3-4 [http://www.hottopos.com/isle34\\_35/19-24JeanVozMedia.pdf](http://www.hottopos.com/isle34_35/19-24JeanVozMedia.pdf)).

Não são, é claro, puramente ativos e seria ridículo *nonsense*, portanto, pretender, digamos, agendá-los. Jocosamente: amanhã às 15:00h vou me enamorar; às 15:30h, terei uma inspiração poética; às 15:45h, farei compras na padaria; às 16:05h terei um arrebatamento musical; em seguida uma experiência mística etc.

Daí que Pieper, em sua breve reflexão “Música e Silêncio” (também ela publicada na série *Coepta*, No. 2, <http://www.hottopos.com/convenit31/51-52Pieper.pdf>), falando da possibilidade de transcendência a partir de uma verdadeira experiência musical, diga: “se tudo correr bem...”.

A admiração autêntica, a resposta profundamente humana ao *mirandum*, princípio e raiz dos abalos filosófico, religioso, musical etc. não se refere de modo algum ao fora do comum e estapafúrdio, mas sim à realidade mais simples e cotidiana, que já estava aí..., mas na qual não tínhamos reparado. Pelo filosofar e pela arte podemos ver (ou entrever...) essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano. E, sem isso, recaímos no olhar embotado, que já não vê “nada de mais” na realidade que o circunda. Como o expressou maravilhosamente Adélia Prado:

De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra e vejo pedra mesmo  
(*Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991, p.199)

Nesse verso genial, encontram-se, de modo maximamente resumido, os elementos essenciais da concepção de Pieper. É pela mão do artista (/do filosofar etc.) que, também nós, os não artistas, podemos (talvez) ver esse *plus*, para além da mera pedra de sempre...

### Uma palavra sobre educação musical

Antes de propriamente comentarmos o *Musik* de Pieper, quero recolher aqui algo de minha experiência com a música (piano). Estudo piano desde meus 3 anos de idade [MH falando] e tenho lecionado há mais de 30 anos para centenas de alunos. Sem dúvida esse abalo do *mirandum* é um *desideratum* nessa educação, mas nem sempre atingido (em sua profundidade, sequer talvez pelo próprio docente...).

O próprio Pieper, em uma breve introdução a uma peça em fita cassete do extraordinário virtuose romeno Dinu Lipatti (1917-1950), narra a experiência – essa sim autenticamente transcendente – do pianista ao interpretar em certa ocasião a cantata de Bach: “*Herz und Mund und Tat und Leben*”. Lipatti, imóvel, simplesmente não conseguia tocar. Após um inusitado silêncio de arrebatamento (o público também imóvel e em total silêncio, pressentindo estar em um momento privilegiadíssimo e diante de algo muito especial), o artista finalmente executou a peça:

[https://www.youtube.com/watch?v=bOV2v2fVW1w&ab\\_channel=marcbarbu](https://www.youtube.com/watch?v=bOV2v2fVW1w&ab_channel=marcbarbu)



Dinu Lipatti-Bach Cant.No147 Herz und Mund und Tat und Leben

Essa experiência de abalo profundo vivenciada por Lipatti, como dissemos, não pode ser “controlada”: por isso, desde sempre se fala em “inspiração” quando se trata de arte. E também não pode ser ensinada. Cabe aqui a observação que o Prof. Lauand tantas vezes repete: a da maravilhosa acumulação semântica da palavra *enseñar* na língua espanhola: ensinar e mostrar. Os professores podemos – e não é pouco – *mostrar*, mas a disponibilidade interior do educando para o abalo, já não depende de nós.

Para além da técnica do instrumento, é parte essencial da educação musical *enseñar* que a música tem esse potencial transcendente. Como diz Pieper, no já citado artigo, no qual, genialmente, articula esses dois elementos: “Música e Silêncio”:

(...) E, aí, inesperadamente, surge um outro lado da questão: música e silêncio estão de fato, de um modo muito especial, voltados um para o outro. Pois o ruído destrói não só o silêncio como também, junto com ele, toda e qualquer possibilidade de comunicação: tanto o ouvir como o falar (daí aquela constatação do poeta Konrad Weiss: que num tempo como o nosso, extremamente ruidoso e barulhento, pode imperar um ilimitado emudecimento). Por outro lado, a música (bem entendido: música aqui significa algo mais do que mero entretenimento ou ruído ritmizado!), embora não se dê sem som, produz uma certa forma de silêncio.

Ela torna possível um silêncio que ouve, que ouve não apenas acusticamente a melodia (requisito, aliás, de qualquer silêncio que queira captar algo: quer se trate de uma palavra humana ou do batimento cardíaco ao estetoscópio). Não, trata-se de um outro silêncio que leva para ainda mais longe: pela música abre-se um espaço de silêncio de dimensão maior, dentro do qual, se tudo corre bem, pode-se, só então, ouvir e compreender uma realidade que é superior à própria música...!

Em minha experiência como professora, tem sido imensamente gratificante verificar que – para além dos objetivos usuais do ensino do instrumento – ocorre por vezes nos alunos esse passo em direção a um *plus* – abrir-se para algo superior ou, parafraseando o citado verso de Adélia, a algo mais do que “pedra mesmo”.

### **Outros aspectos da antropologia e da filosofia da educação de Pieper**

O princípio na admiração – o *mirandum* como fonte contínua do filosofar e do “musicar” – nos conduz a outros fatores essenciais da antropologia de Pieper, necessário para compreendermos melhor seu *Musik*.

A admiração envolve um polo positivo e um polo negativo: admiramo-nos porque vemos, entrevemos algo de maravilhoso, mas também porque não chegamos – e nunca chegaremos – a *com-preender*, a abarcar completamente aquilo que nos tocou. É a condição especificamente humana de mistério. Pieper remete a Platão: o filosofar é Eros: “filho de Poro e de Penia, ou seja, da riqueza e da indigência, (...) nunca é rico nem pobre, e se encontra sempre a meio caminho da sabedoria e da ignorância” (*Banquete*, 203)

Também aqui devem ser evitadas as confusões: mistério não deve ser entendido como algo esotérico, mas o mistério do simples, dessa realidade quotidiana que, pelo abalo da admiração, manifesta-se misteriosa: o que é o amor?, o que é a dor?, o que o homem é?

Filósofo algum jamais poderá dar resposta plena e acabada a essas e a tantas outras questões. Eros (o filosofar, o homem) herdou do pai, Poro (a abundância), o desejo de conhecer que, nesta vida, não se realizará plenamente (pois Eros é também filho de Penia – a penúria).

O filosofar, dizíamos, manifesta o que o homem é. E nessa estrutura dual do mistério e da admiração, misto de ter e não-ter, ânsia de posse que não chega a se perfazer (“... amor é sede depois de se ter bem bebido” – Guimarães Rosa) manifesta-se a estrutura ontológica da criatura humana: uma estrutura de esperança, um “não ainda” (*noch nicht*) não-ter-ainda, não-ser-ainda; intermediária entre a plenitude da divindade e a opacidade do bruto.

Nessa estrutura dual, “estrutura de esperança” (*Hoffnungsstruktur*), Pieper, uma e outra vez fala da “realização” humana; sempre por ele entendida não como algo estático, mas permanentemente dinâmico, como *selbstverwirklichungsvorgang*, “processo de auto-realização”, orientado para o Bem, mas passível de desvios e frustrações (o que, como Pieper discute amplamente em *Musik*, pode ocorrer também com a música).

A formação e a educação (*Bildung*) que a música pode – em nível profundo – proporcionar acompanham e comungam desses aspectos.

Quisemos recordar todos esses pontos como meros subsídios – talvez úteis – para a leitura, do *Musik* de Pieper.

Recebido para publicação em 11-03-21; aceito em 30-04-21